A DEFINIÇÃO DE INFÂNCIA E SUA EDUCAÇÃO PROPOSTAS PELOS PERIÓDICOS DA ÁREA EDUCACIONAL E PSICOLÓGICA

CAVALCANTI, Kariny de Paula¹; BARBOSA, Ivone Garcia²; MAGALHÃES, Solange Martins Oliveira³

Palavras-chave: Educação Infantil, Educação da Infância, Práticas Educativas

1. JUSTIFICATIVA/BASE TEÓRICA

Temos como objeto de pesquisa a educação infantil, portanto buscamos conhecer e analisar o conceito de infância e da educação infantil através dos seguintes periódicos *Revista Brasileira de Educação, Cadernos Cedes, Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas* identificar, no período de 2003-2005.

Ao abordar a temática sobre a concepção de infância em diferentes periódicos da área educacional atentamos para o fato de que o conceito de infância mudou através dos tempos (BARBOSA et all, 2003).

O historiador Áries (1981) em seu clássico trabalho resgata o conceito infância na história do Ocidente. Em busca de acompanhar a representação da criança nas artes, Áries concluiu que, a partir dos meados do século XII, não havia lugar para a criança no mundo adulto. Segundo ele, a arte medieval não conhecia por completo a infância, ou, não tentava representá-la. Por muitos e muitos anos as crianças foram consideradas *adultos em miniaturas*. Aproximadamente no século XIII, quando alguns artistas tentavam representar a criança, faziam apenas uma miniaturização do adulto, o que era visto muito bem nas expressões da face e na própria maneira de representar o corpo. Neste mesmo século surgiram algumas representações de crianças que pareciam um pouco mais com o sentimento moderno. Áries (1981) considerou esta época como um *período de transição*.

Diferenciando-se das análises de Ariès, Kohan (2003) e Faria (1999) afirmam que entre os gregos já existia um sentimento de infância. Apesar disso, o reconhecimento da infância só se manifestou a partir do Renascimento e teve sua consolidação na Modernidade, quando mudam os meios de produção dominantes e as formas de relações sociais.

Áries (1981) explica que no determinado período histórico às pessoas não se apegavam às crianças devida a sua fragilidade, as crianças morriam facilmente devida às condições demográficas e as condições de saúde pública o que tornava a perda algo natural. Quase no século XIV as crianças passaram a ser a *diversão* dos adultos, mas a infância continuava ainda sem se diferenciar do estado adulto. Já nos séculos XV e XVI temos uma mudança, sendo possível perceber que sai de moda a iconografia religiosa da infância e temos com isso a iconografia leiga. Áries (1981) relata que meninos e meninas passam a ser representado por anjos de formas arredondadas e com expressão de felicidade. Ainda no século XVI se tem o aparecimento do retrato da criança morta.

No início do século XVII temos o retrato da criança viva, concretizando o surgimento do sentimento da infância. Já era comum o retrato de crianças sozinhas e é nesse período que a linguagem infantil começa a ser registrada na literatura. No século a criança passa a ser o centro das atenções para sua família e, segundo os estudos de Áries (idem), aumentou-se à vontade de "salvar a criança". É importante destacar, somente neste século as pessoas passaram a querer modificar o quadro da saúde e da morte prematura da criança, o que significou, para o autor, um novo olhar do homem sobre a criança e, depois, sobre si mesmo.

Charlot (1986) em sua obra publicada em 1970, *“A mistificação Pedagógica”*, analisa as concepções de infância presentes no pensamento pedagógico contemporâneo. Ele questiona o significado ideológico de infância que conteria concepções contraditórias. São quatro os modelos das concepções: 1) a criança pé inocente e má – idéia da criança como ser espontâneo, franco e que exprime seus sentimentos e emoções sem as preocupações com o mundo adulto; 2) a criança é perfeita e imperfeita – a criança tem características positivas de comportamento e de caráter, mas apresenta, ao mesmo tempo, imperfeição atual e promessa de perfeição; 3) a criança é dependente e independente – ela é totalmente dependente do adulto, no entanto, a criança também pode vir a ser independente; 4) a criança é herdeira e inovadora – a criança continua a obra do adulto e dá-lhe forma de perpetuidade; paradoxalmente ela é a perpetuação de nossa vida e o anúncio de nossa morte.

Como vimos à infância mudou ao longo dos tempos, sendo o conjunto de concepções veiculadas de diversas formas e em diferentes contextos.

Consideramos, em nossa pesquisa, que seria importante verificar em periódicos de referência na área da educação e da pesquisa em educação qual a atual definição de infância que aqueles veiculam.

2. OBJETIVOS

No projeto apresentado por nós à ProGrad em 2005, delineamos como objetivos da pesquisa: identificar a concepção de infância propostas pelos periódicos da área educacional e sua educação, a fim de conhecer as diferentes concepções norteadoras dos projetos educativos em Educação Infantil, fomentando a melhoria da qualidade de formação dos Cursos de Licenciatura (o curso de Pedagogia e outros) em articulação com a Educação Básica. Ademais, propusemos identificar as práticas educativas/pedagógicas que os periódicos veiculam e a fonte de orientação para a educação infantil proposta por eles, identificando como significam o papel do professor de Educação Infantil.

Com apoio da Professora Dra. Ivone Garcia Barbosa e do grupo de Estudo em Infância, reavaliamos o conjunto de objetivos propostos e concluímos que muitos deles demandam um tempo ainda maior do que propusemos no projeto. Assim, mantendo os objetivos quanto ao enfoque dos aspectos a serem analisados, ao invés de seis periódicos decidimos por investigar os seguintes periódicos: Revista Brasileira de Educação, Cadernos Cedes e Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, sendo recortado o período de 2003 a 2005.

3. METODOLOGIA

Ao desenvolvermos a pesquisa bibliográfica, consideramos o método dialético em nossas análises. Assim, o processo paulatino de investigação foi sempre considerado como parte de uma totalidade. Para identificarmos conceitos e referências teóricas nos diferentes periódicos procedemos da seguinte forma: a partir das palavras-chave contidas em resumos de artigos publicados, foram selecionados os artigos dos periódicos no período de 2003-2005 que tratava da temática infância e de sua educação. Utilizamos nesse levantamento a referência nas seguintes palavras-chave: infância, educação infantil, práticas educativas, socialização da infância e valores.

Iniciamos fazendo um levantamento de todos os títulos publicados da Revista Brasileira de Educação, dos Cadernos Cedes e do Caderno de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas no período de 2003-2005. Para cada periódico realizamos um levantamento de dados sobre sua criação e periodicidade, destacando algumas de suas características específicas. Feito o levantamento de quantos títulos já tinham sido publicados, começamos a ver quantos eram os artigos que falavam sobre infância. Chegamos num total de 11 artigos e destes procedemos a leitura de 5 artigos.

A pesquisa não se restringiu somente na leitura dos periódicos; estendeu-se à leitura de publicações de alguns autores, entre eles está: Áries (1981), Charlot (1986), Barbosa (1997, 1999), Barbosa e Magalhães (2003), Magalhães (2004) e Faria (1999).

A análise dos artigos considerou o conjunto de aspectos que destacamos em nossos objetivos, articulando as análises dos diferentes autores revisitados ao longo da pesquisa.

4. ANÁLISE DOS DADOS

A leitura dos periódicos permite-nos perceber a construção do sentimento de infância na Europa e no Brasil. Ferreira (2003), Rocha (2003) Marques (2003), entre outros, mostram a relação entre a discussão da questão da higiene e da concepção e educação da criança.

Começou, no final do século XIX e início do século XX, a existir, cada vez mais, uma consciência de que é preciso atuar sobre a família como também além dela. Os médicos se sentiam mais confiantes na sua capacidade de intervir sobre a criança e pareciam demonstrar um maior interesse dos médicos em encarar a especificidade das doenças que mais atacavam as crianças. Ferreira (idem) relata que uma das dissertações produzidas na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, no final da década de 1870 interessou-se pela higiene escolar. Segundo ele, a ingerência médica na escola significava que já existia uma intenção de medicalização na escola, num período em que enquadraria parte da população infantil.

No início do século XX, a medicina se sentia confiante e concluía que deveria realizar a reforma da sociedade. Achando que somente ela tinha condições de compreender cientificamente o indivíduo e de agir sobre ele. Por vezes apostou-se agir sobre o corpo e agora pretende agir também sobre aspectos psicológicos e educativos.

Ao tratar da *Educação escolar e higienização da infância*, Heloisa Rocha (2003) deixa claro que a escola ficava incumbida de modelar à natureza infantil para que adquirissem hábitos que iriam prevenir a infância da debilidade e das moléstias. A escola era considerada o cenário o qual fornecia um conjunto de práticas para o disciplinamento da infância e ainda foi sendo convidada a oferecer sua colaboração para as campanhas que visam o combate de endemias e epidemias. Existia, portanto, uma enorme crença no poder modelador da educação e da escola, que viveu desde o início do século XX no Brasil a chamada “**era da higiene**” (ROCHA, 2003).

A educação deveria ser dada à criança, todo esforço educativo deveria privilegiar a infância, época considerada propícia para aquisição de hábitos, já que a criança era considerada livre de defeitos e com um cérebro plástico às influências. Para a idade adulta, quando se tem mais resistência às novidades, deveria ser reservada a instrução de forma a reforçar alguns hábitos.

As propostas de educação da infância passaram desde aquela época seguir as orientações dadas pela Psicologia, considerada uma ciência capaz de orientar o ensino da criança e responder aos problemas didático-pedagógicos.

Nesse processo, o professor foi considerado uma figura essencial, sendo que além de controlar plenamente a criança, ele teria de servir-lhe de exemplo. Daí vai se firmando a idéia sobre a necessidade de formação dos professores, treinados para exercer o papel diante da criança – ele seria o supervisor, o revisador, o condutor, a autoridade máxima. Esta, por sua vez, deveria imitar a escola (e não a família), aprendendo hábitos de higiene pessoal e a moral social, devendo vivenciar isso cotidianamente, levando para o ambiente de casa. Assim, pela criança, a escola intervém também na família, “colaborando para a regeneração da população”.

Barreto (2003) percebeu que, desde então, tem crescido as intenções do governo em reconhecer a importância da infância como fase do desenvolvimento humano, bem como dos direitos das crianças como cidadãos.

Porém, é preciso perceber que, assim como mostra Barbosa (1999), que a educação infantil ainda “é de todos e não é de ninguém”, ou seja, apesar dos Programas assistenciais e educacionais, a infância ainda não é priorizada. Ademais, para entender essa temática, é necessário que saibamos de suas relações com as questões destacadas pelos movimentos sociais organizados, como o movimento de mulheres, que ganhou força no Brasil, sobretudo após a década de 1980, quando lutou-se para assegurar o atendimento a crianças carentes de até 6 anos em creches e pré-escolas.

4. CONCLUSÃO

A análise dos periódicos e a pesquisa bibliográfica realizada ao longo de nosso projeto, mostrou ser necessário relacionar dados históricos e concepções que emergem ao longo das práticas cotidianas e educativas. Quanto à infância, podemos verificar que as idéias, valores e conceitos sobre ela têm sido construídos e modificados. Isso não ocorre apenas no campo da teoria, havendo relação com a constituição de diferentes infâncias a partir das relações concretas no âmbito da sociedade e da cultura. Ficou claro com a nossa pesquisa que as crianças não despertavam os mesmos sentimentos, as mesmas preocupações como também não era objeto da atenção como hoje para o mercado de consumo. Não havia uma única forma de compreender e de conviver com a infância mesmo que vivêssemos em uma mesma sociedade.

Ademais, temos discutido amplamente em nosso grupo de pesquisa que é preciso fugir de um olhar linear sobre a história da infância e de sua educação, sempre resgatando os direitos da criança de ser cuidada, de receber assistência e de ser educada, de modo a ajudá-la a pensar o mundo e a sua realidade. Essa percepção é expressa em vários artigos dos periódicos que veicularam temáticas ligadas à infância. Importante chamar a atenção para um número significativo de edições que não trataram da temática, vista ainda na Academia como algo secundário.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÉS, P. *História Social da Criança e da Família*. 2. ed., Rio de Janeiro: CTC Editora, 1981.

BARBOSA, I. G. et all. *Projeto: Políticas Públicas e Educação da Infância em Goiás: histórias, concepções, projetos e práticas*. Goiânia, 2003.

BARBOSA, I. G. *A Educação Infantil: perspectiva histórica, lutas e necessidades*. Goiânia: FE/UFG, 1999.

BARBOSA, I. G. *Formação de Conceitos na Pré-escola: uma versão sócio-histórico-dialética*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, SP, 1997.

BARBOSA, I. G. e MARTINS, T. A. T. Concepções de infância e de ação pedagógica na Revista Nova Escola. Goiânia, 2000.

CADERNOS CEDES. Campinas: Unicamp, nº. 59, v. 23, 2003.

CADERNOS CEDES. Campinas: Unicamp, nº. 60, v. 23, 2003.

CADERNOS CEDES. Campinas: Unicamp, nº. 61, v. 23, 2003.

CADERNOS CEDES. Campinas: Unicamp, nº. 62, v. 24, 2004.

CADERNOS CEDES. Campinas: Unicamp, nº. 63, v. 24, 2004.

CADERNOS CEDES. Campinas: Unicamp, nº. 64, v. 24, 2004.

CADERNOS CEDES. Campinas: Unicamp, nº 65, v. 25, 2005.

CADERNOS CEDES. Campinas: Unicamp, nº 66, v. 25, 2005.

CADERNOS CEDES. Campinas: Unicamp, nº 67, v. 25, 2005.

CADERNOS DE PESQUISA. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, nº. 118, 2003.

CADERNOS DE PESQUISA. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, nº. 119, 2003.

CADERNOS DE PESQUISA. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, nº. 120, 2003.

CADERNOS DE PESQUISA. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, nº. 121, 2004.

CADERNOS DE PESQUISA. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, nº. 122, 2004.

CADERNOS DE PESQUISA. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, nº. 123, 2004.

CADERNOS DE PESQUISA. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, nº. 124, 2005.

CADERNOS DE PESQUISA. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, nº. 125, 2005.

CHARLOT, B. *A Mistificação Pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

FARIA, A. N. G. *Educação Pré-escolar e Cultura: para uma pedagogia da educação infantil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Cortez, 1999.

KOHAN, W. O. *Infância entre Educação e Filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MAGALHÃES, S. M. O. “Vós sois os arcos dos quais vossos filhos são arremessados como flechas(...).” *Um estudo sobre a socialização da infância – valores, princípios e possibilidades de um educar transformador*. Tese (Doutorado) – FE/UFG, GO, 2004.

REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. São Paulo: Anped, nº 22, 2003.

REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. São Paulo: Anped, nº 23, 2003.

REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. São Paulo: Anped, nº 24, 2003.

REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. São Paulo: Anped, nº 25, 2004.

REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. São Paulo: Anped, nº 26, 2004.

REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. São Paulo: Anped, nº 27, 2004.

REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. São Paulo: Anped, nº 28, 2005.

REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. São Paulo: Anped, nº 29, 2005.

ROUSSEAU, E. *Emílio ou da Educação*. Trad. Sérgio Milliet, 3. ed., São Paulo; Rio de Janeiro: Difel, 1979.

FONTE DE FINANCIAMENTO – PROLICEN/UFG.

¹ Bolsista de iniciação científica do PROLICEN. Faculdade de Educação/UFG. kpcgyn@yahoo.com.br

² Orientadora. Faculdade de Educação/UFG. garciasoares@cultura.com.br

³ Orientadora. Faculdade de Educação/UFG. solufg@hotmail.com.br